

A NARRATIVA VISUAL COMO TRANSFIGURAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL DE MAZAGÃO

Ronne Franklim Carvalho Dias
ronne.dias@ifap.edu.br
Instituto Federal do Amapá - IFAP

ISSN 2316-6479

Resumo

Mazagão Velho é um pequeno distrito do município de Mazagão – AP, a comunidade fundada no século XVIII, recebe 340 famílias transferidas do norte da África, ex-colônia portuguesa. Hostilizados pelos inimigos mouros e ignorados pelo governo lusitano, os mazaganenses tiveram que se apegar ao simbólico e ao religioso para preservar sua identidade cultural e manter sua memória coletiva. Muito das narrativas de Mazagão está na tradição oral, embora a comunidade viva uma intensa visualidade das festas populares. Esse trabalho visa perceber as imagens da memória através de narrativas visuais como importantes ferramentas de estudo da cultura visual e seus processos educativos.

Palavras-chave: Mazagão Velho, Narrativa visual, Memória cultural, Educação.

Abstract

Old Mazagão is a small district of Mazagão municipality AP, the community founded in the eighteenth century, receives 340 families transferred from North Africa, a former Portuguese colony. Antagonized by the enemies Moors and ignored by the government Lusitanian, the inhabitants of Mazagão had to grip tightly to the symbolic and religious to preserve their cultural identity and maintain their collective memory. Much of the narrative of Mazagão holds an oral tradition, although the community lives an intense visuality of festivals. This work aims to realize the images of memory through visual narratives as important tools for the study of visual culture and its educational processes.

Keywords: Old Mazagão, Visual Narrative, Cultural Memory, Education.

Introdução:

No mundo, existem histórias que de tão fascinantes poderiam se tornar livros. Na mesma proporção, encontramos imagens que poderiam se tornar narrativas de tão envolventes. Nas relações com o mundo nos deparamos com realidades visíveis e invisíveis, nesse meio, as experiências relacionadas à memória cultural são emblemáticas e encantadoras. A memória, em muitos casos, é a pérola escondida nas frestas do tempo, depois de varridas pelas metanarrativas históricas e oficiais.

Ao revisitar meus estudos da dissertação sobre a Festa de São Tiago – uma das principais celebrações populares amapaenses – percebi que parte das práticas culturais se perdia ou se *transformava* em passos largos, mesmo reconhecendo ali uma comunidade tradicional. Muito das narrativas de Mazagão Ve-

Iho está na tradição oral. À medida que as pessoas idosas e influentes morrem a memória também é sepultada junto com elas. Meu desafio nesse trabalho é perceber as possibilidades imagéticas da memória cultural de Mazagão Velho na experiência estética. Que significados são conservados, revelados, *transfigurados* na interação entre imagem e memória.

Mazagão Velho e a memória

Levando em consideração que os registros históricos e artísticos sobre as práticas culturais de comunidades tradicionais na Amazônia são escassos e perecíveis, deixando a memória dessas culturas progressivamente vulnerável ao esquecimento. O ostracismo deve-se muito aos governantes por focalizarem seus interesses no quê deve perdurar na história oficial. A memória cultural é a presença do inalcançável, a partir dela se revive das ausências e perdas. A festa de São Tiago é um bom exemplo de celebração da memória, ou seja, ao revisitar o passado, os mazaganenses ressignificam simbolicamente a sua própria cultura, por considerar sua história constituída em bases *transitivas*.

Fundada no século XVI, ao norte da África, Mazagão foi uma colônia portuguesa nas terras do Marrocos, abandonada por decisão da Coroa em 1769, após o cerco das forças mouras e berberes que reivindicavam suas terras mulçumanas. A cidade erguida numa ponta litorânea tinha uma localização estratégica para o comércio, tal vantagem provocava cobiças fazendo Mazagão conviver com riscos crescentes de invasão. Aliados a esses riscos se somavam os interesses mouros de recuperar seu território. A cidade fora fortificada e, de certa forma, *transformada* numa espécie de fortaleza/cidadela que, se esperava, fosse inexpugnável. Assim, a cidade resistiu por mais de dois séculos, apesar do isolamento terrestre criado pelas investidas e ameaças dos marroquinos. A partir de 1750 intensificaram-se os ataques mouros à cidade que se viu na iminência de ser conquistada.

No reinado de D. José, a política portuguesa respirava novos ares e sinalizava outros rumos. Ao tomar conhecimento do cerco que se montava a Mazagão, perplexo, o monarca português decidiu pela transferência das 340 famílias ali residentes para o Brasil. As famílias passam por Lisboa, escala marítima onde ficaram seis meses aguardando autorização para atravessar o Atlântico até Belém do Pará. Em Belém, é feita uma rigorosa listagem das famílias e dos bens a serem transferidos... Com o planejamento de uma nova cidade para acolher a diáspora. (DIAS, 2009, p.16-17).

Após dezenas de meses de expectativas, decepções e muitas vezes humilhações, os imigrantes são recebidos na tão esperada cidade planejada, chamada de Nova Mazagão, situada às margens do Rio Mutuacá, hoje estado do Amapá.

Ao chegarem à cidade prometida, os neo-mazaganenses se deparam com uma nova frustração: uma cidade ainda em construção. Fragmentação e deslocamento já faziam parte de suas vidas, de suas histórias. A cultura herdada de um tempo/espaço longínquo é tecida e recosturada a cada novo desembarque. (DIAS, 2009, p.20).

Assim, essa cultura *transfronteiriça* reinicia um novo processo de adaptação na Amazônia e resolve se apegar ao simbólico, a religião católica e aos costumes indígenas para retomar de modo ressignificado sua história.

A data de surgimento da festa de São Tiago, ainda não se tem com precisão. Folhetos oficiais da festa mencionam o ano de 1777. O que há documentado é uma batalha naval de cristãos contra os mouros em honra da rainha D. Maria de Portugal. Porém, nos anos seguintes, não se tem nenhum registro que possa garantir a continuidade do evento. Laurent Vidal (2008) cogita que a sequência ininterrupta da festa deve ter acontecido a partir da fundação de Mazaganópolis, povoado que surgiu em 1915 em função de uma epidemia de cólera em Mazagão Velho. Essa epidemia provocou mortes na cidade e desencadeou um significativo esvaziamento populacional, motivo da mudança do nome de Nova Mazagão para Mazagão Velho.

Mazagão vive na sua formação *trânsitos* refratários: são ausências e expectativas, perdas e invenções cotidianas. Temas esses que os vejo como importantes campos de estudo da cultura visual como forma de reconstruir sua memória pelo visual.

Halbwachs (1990, p.12) agencia uma importante reflexão sobre o conceito de memória coletiva, segundo o estudioso “o passado permanece vivo em um determinado grupo social. Contrapondo-se a ela, a memória histórica é uma forma de conhecimento do passado, sem relação com a vivência do indivíduo” (HALBWACHS, 1990, p.12). Mazagão é um ambiente que permite articular as práticas, sujeitos, símbolos da memória, no qual posso chamar de *lugar da memória*, conceito criado por Nora (1993), que analisa as aproximações e distanciamentos da memória coletiva. A memória, segundo o autor, brota de um grupo social por ela unificado, e é esse grupo que determina “o que é memorável, e também como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo” (NORA, 1993, p. 7-28). A partir desse contexto, Nora eleva a noção de lugares da memória, que segundo o autor, atribuem aspectos e condições para ancoragem de lembranças e de sua *transmissão*, e estão carregados de simbolismos, pois caracterizam acontecimentos ou experiências vividas pela comunidade, mesmo que a maioria dos sujeitos não tenha participado diretamente de tais eventos.

Para Ulpiano Meneses (1992), a atual discussão sobre memória divide-se em dois grupos distintos: no primeiro, a memória é vista como um fetiche, *transforman-*

do-se em mercadoria, para legitimação de valores culturais; no segundo, a memória busca engajar-se social e criticamente, procurando discutir as possíveis alienações da sociedade emergente acarretadas pelas várias formas de expropriação.

A memória é um produto que atua direta ou indiretamente na formação, manutenção e modificação das identidades e subjetividades. Nessas duas formas, a memória é um contínuo processo de construção e reconstrução, como um palco de confrontos das “memórias”. Tais memórias ao *transitarem* pela dinâmica cultural do presente se organizam, ou se reorganizam, construindo parte das visualidades contemporâneas.

Para Halbwachs (1990), a memória somente pode trabalhar com imagens concretas. Ao passo que para Merleau-Ponty (2006), a memória não pode ser trabalhada de modo isolado, como eventos separados. É falho afirmar que a memória não fornece ligações com objetos, incluindo as várias relações com a imagem.

Desse modo, observo uma lacuna entreaberta nos meus estudos sobre Mazagão, a interação entre imagem e memória por um processo educativo, através da narrativa visual, considerando-a como experiência estética na relação subjetividade e ambiência cultural. Conforme Dewey (2006): “A experiência é interativa entre o eu e o meio histórico onde se vive. A experiência estética é dinâmica, é viva” (DEWEY, 2006, p.122). É pela experiência estética, que se podem retomar as experiências pré-reflexivas do mundo, ou seja, à inerência das coisas.

Narrativa visual como transfiguração

Nos últimos três anos, o tema Mazagão tem sido objeto de estudo do componente curricular arte, com meus alunos do ensino médio/técnico do Instituto Federal de Educação do Amapá. Os alunos desenvolvem pesquisas sobre as visualidades e seus processos híbridos de artefatos culturais. Ao tratar da participação dos estudantes tenho observado que alguns tem se despertado pelo assunto ao descobrirem alguma ancestralidade daquela comunidade. Os trabalhos são encaminhados na construção de composições visuais como memoriais e painéis, que os referidos alunos devem produzir de acordo com as investigações na história e nas práticas simbólicas. Nas travessias de minha pesquisa juntamente com as interlocuções ao currículo do médio/técnico – acolhendo as curiosidades dos estudantes – tem crescido o desejo de retomar os estudos em Mazagão, agora com o foco em uma nova frente de investigação: a memória.

Por que trabalhar a memória? Ao meu entender, de modo preliminar, estudar a memória cultural é uma fonte vasta de possibilidades imagéticas. Além de reafirma politicamente resistências, abrir aos conflitos identitários e reação contra o ostracismo. Pois, “é por meio de narrativas que diferenças e semelhanças individuais, locais, nacionais e globais são enfatizadas” (Stuhr, 2011, p.136).

Detectar possíveis resquícios do colonialismo, abrir ao debate da justiça social no combate as várias formas de exclusão e opressão decretadas nas inúmeras “placas invisíveis” do mundo. São riquezas perdidas, que a imagem por ter uma estreita relação à memória, pode revelar através da construção poética, sinais para uma compreensão de visualidades do hoje.

Logo, a experiência poética é um dos principais estímulos à execução de ideias – na condição educativa da arte – pois sua função irrefutável de favorecer aprendizagens que recuperem ou redimensionem criticamente a compreensão das coisas, nesse caso, a compreensão do poder produtivo da memória. Imagem e memória se encaixam como o rosto na máscara: a memória, como terra fértil (poderia considerá-la a matriz), amolda-se à imagem (ou máscara). A cada retorno à memória geram-se imagens mentais resultantes do processo de revisão. Entretanto, a imagem é capaz de *transfigurar* a existência cotidiana, como ato de (re)construir valorações da convivência?

A palavra *imagem* teve a sua origem no latim *imago*, que no mundo antigo significava a máscara de cera utilizada nos rituais de enterramento para produzir o rosto dos mortos. Ela nasceu, assim, da morte para prolongar a vida e apresentou, com isso, as noções de duplo e de memória (KERN, 2006, p. 15).

Quero considerar que a imagem da memória não se encerra na “mente”, mas ela se reflete – se duplica – pelas práticas culturais da comunidade. A *transfiguração* é uma *transformação* tanto do visual como do caráter, ela diz respeito às coisas visíveis e invisíveis, externas e internas contidas no fenômeno em questão. A educação da cultura visual me possibilita a investigar as aparências e discursos contidos na relação memória e imagem a partir da experiência estética, sem perder de vista as concepções contemporâneas de arte.

Se a experiência estética exige alguma *transfiguração* das coisas triviais, a memória seria a desfiguração da história. Nessa direção, pretendo dar continuidade ao estudo, e encerro essas poucas linhas pontando ao pensamento de Merleau-Ponty (2006), retomar a memória diz respeito com a compreensão da imagem do mundo, com efeito, a relação que se tem com a imagem é, na mesma proporção, a relação que se tem com o mundo. Ou seja, a compreensão que faço das imagens tem relação direta com a compreensão que faço do mundo.

Considerações finais

Imagens narradas ou histórias desenhantes? As narrativas visuais são processos híbridos de construção poética cheias de apetites quando conduzidas pela

educação da cultura visual. São curiosidades, sensações e verdades despertadas nos alunos pela experiência estética das narrativas. Ao buscar no solo movediço da memória, não é raro deparar-se lado a lado com assombro e esplendor. É pela imagem que se tem certa consciência do mundo, por trabalhar o duplo e a memória. A memória de um povo é algo mais que lembrança: é reafirmação de identidades. É um significado para a existência: a existência de ser no mundo.

Referências bibliográficas:

DEWEY, John. *Arte como experiência*. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MATTHEWS, Eric. *Compreender Merleau-Ponty*. Tradução: Marcus Penchel. 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990,

STUHR, Patricia L. A cultura visual na arte-educação multicultural crítica. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Tradução: Gisele Dionísio da Silva, Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011, p. 131-152.

DIAS, Ronne. *Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras* [dissertação de mestrado]. 116 f, 2009.

VIDAL, Laurent. *Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico (1769-1783)*. (Trad. Marcos Marcionilo). São Paulo: Martins, 2008.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Imagem manual: pintura e conhecimento. Annateresa Fabris e Maria Lúcia Bastos Kern (Orgs.). In: *Imagem e conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006, pp. 15-29.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. “A história, cativa da memória?: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)*, São Paulo, nº 34, p.09-34 1992.

NORA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aunkhourri. In: Projeto História. São Paulo: n. 10, p.7-28, dez,1993.

Minicurrículo

Ronne Franklim Carvalho Dias é mestre do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da FAV-UFG. Licenciado em Educação Artística com habilitação em artes plásticas, pela Universidade Federal do Amapá-UNIFAP. É professor do Instituto Federal do Amapá – IFAP e membro da Associação dos Arte Educadores do Estado do Amapá – AAEAP. Líder do Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura Visual e Estéticas Sustentáveis.

ISSN 2316-6479

MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual
Goiânia-GO: UFG, FAV, 2013